

MALANJE

Leite para os Famintos de Malanje

UM Leitor amigo telefonou-me preocupado e triste com o problema da fome em Malanje; e, como o bom Samaritano, não passou à frente: — *Qual a forma de fazer chegar e o quê?*

Respondi, que leite; pois conseguimos levar alguns contentores. Cada um leva seiscentos sacos de vinte e cinco quilos de leite em pó.

O meu amigo Eng. Brás de Oliveira falou à Cruz Vermelha e à Secretaria de Estado da Cooperação Portuguesa e eu digo aqui.

Se não puder ir por estrada Luanda-Malanje, irá de avião. Leite é o que mais falta faz no momento.

O telefonema do nosso amigo Leitor deu-me a ideia de dizer aqui, a todos os nossos amigos Leitores, da oportunidade de nos enviarem o valor de um ou dois quilos — que nós faremos chegar à boca dos nossos irmãos Famintos.

Digo Famintos porque assim é... Há dias, entregámos leite a uma mãe para que o desse ao filho magrinho que tinha ao colo; ela, louca com a fome, bebeu, dum trago, o primeiro e o segundo copo, e só no terceiro lembrou o filhinho!

A fome enlouquece e transtorna...!

Tiremos da nossa mesa o que sobra; e da nossa boca o excesso.



Madeira da Casa do Gaiato de Malanje

Podem enviar para qualquer das nossas Casas do Gaiato, dizendo que é para o leite.
Assim seja.

Padre Telmo

ENCONTROS em Lisboa

Olhando para o grande mundo

NO meu pequeno mundo vou olhando para o grande mundo como que a ver num espelho. Agora é o problema das férias. Com que «ilusão» se preparam os mais pequenos pormenores! Alguns começam a fazer os preparativos vários dias antes: levam brinquedos, escolhem calções, descortinam t-shirts e, na hora da partida, é vê-

-los de sacos às costas. Pergunto a alguns se decidiram mudar de casa e levam toda a mobília. Há dias, um até levava algo que pensava ser a sua pequena fortuna: uma máquina de escrever que tinha sido posta de lado por estar avariada. Descobriu que conseguia fazer aparecer o seu nome escrito em letras de forma e, então, ali levava o seu tesouro.

Depois de um ano trabalhoso, com estudo, obrigações, horários, às vezes bastante apertados, sabe bem a descontração. Como que se soltam as forças vitais que nos fazem sonhar e abrir novos horizontes. Gosto de ver os meus miúdos assim eufóricos e sonhadores.

Continua na página 4



Os jardins da Casa do Gaiato, de Santo Antão do Tojal.

Correspondência dos Leitores

ANDAM comigo desde o princípio do ano e trazem odor do Natal, então recente passado, estas cartas de que recorto excertos sempre oportunos: pelo seu conteúdo e para «fechos de edição», necessidade que os afazeres de jornais conhecem muito bem.

Comigo vieram até Angola e daqui os envio, aproveitando portador e prevenindo possíveis atrasos do correio na colaboração que desejava presente em cada número d'O GAIATO.

A carta da Missão Católica Portuguesa de Colónia aponta mesmo para aqui:

«É desejo nosso que esta quantia seja aplicada em Angola numa das Casas do Gaiato.» Desejo cumprido. E ainda mais importante do que o cheque é o «asseguramos-lhe a nossa oração para que quantos servem a Obra tenham coragem de ultrapassar todas as dificuldades e Deus continue a abençoá-los». Em toda a parte, e muito mais nesta Angola de contradições, é necessária tanta coragem que só Deus tem para dar.

A outra carta vem também de portugueses na Diáspora, de Weinfeld, na Suíça:

«É com muito gosto que junto — diz o pastor desta comunidade — não importância avultada porque as comunidades são pequenas. Espero, no entanto, que seja o começo de um relacionamento afectuoso com uma Obra que se projecta como santuário do Amor.»

O nosso assim seja a este propósito e à prece final: «Rogamos a Deus que esteja sempre por dentro de cada obreiro dessa Casa, bem como de toda essa Família.»

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Hoje, numa breve reflexão, visionámos alguns sectores prioritários da acção dos vicentinos ao serviço dos Pobres.

Do ponto de vista material..., são lareiras à nossa espera. Gente que precisa de alimentação. Mães separadas que procuram viver, honestamente, com o apoio dos nossos Leitores. Remédios para doentes. Aluguéis de casas, mensais. Reparação e manutenção de quinze moradias do Património dos Pobres. A dolorosa cruz dos Autoconstrutores..., etc.

Casualmente, abrimos uma revista da União Europeia e citamos:

«Perto de um quinto dos habitantes da UE estão abaixo do limite da pobreza: os 20% mais ricos dividem entre si 40% dos rendimentos e os 20% mais pobres ficam apenas com 8%. Resumidamente, é este o problema da repartição da riqueza na UE, descrito numa brochura consagrada às condições de vida, recentemente publicada pela Eurostat e pela própria Comissão Europeia.

PARTILHA — Porto: O assinante 29565 com três mil escudos, «em acção de graças por uma graça recebida».

Oito mil, de S. Tomé (Negrelos): «Não é muito, mas de boa vontade, pois também sou pobre. No entanto, há muitos que precisam mais do que eu».

Cinco mil, da assinante 69182, de Tortosendo.

Maria Teresa, do Porto, manda um cheque destinado «à compra de remédios. Não quero que agradeçam. É uma pequena migalha». Oferta

oportuna. Dispendemos dezenas de contos, por mês, em assistência medicamentosa.

A contribuição habitual, do assinante 14493, do Porto: «*Aí está, a do mês de Julho, embora um pouco atrasada. Deus vos acrescente, em forças físicas, o necessário para aguentarem a caminhada que vos destinou em direcção ao Bem dos que Ele quer salvar. Não agradeçam! Nós, os que ainda podemos ajudar, é que devemos estar agradecidos. Só a referência n'O GAIATO para saber que nada se perdeu.*

Outra vez, do Porto: Singelo cartão de uma «*vossa Amiga que não gostaria de ser publicamente referida.* Respeitámos o voto. E acrescenta: «*Este é o meu humilde contributo, o que posso dispor. O meu objectivo é que possa haver alguma regularidade.*

Assinante 31104, de Lisboa, com o seu contributo habitual, «*mais uma vez com atraso — afirma — pois a saúde não tem ajudado; mas a intenção, essa, mantém-se sempre.*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

BATATA — Terminámos mais uma colheita de batata. Estivemos parados por causa da chuva, mas, felizmente, os terrenos têm dado uma boa produção.

PRAIA — O segundo turno regressou de Azurara. Os rapazes vieram muito contentes e morenos. O terceiro turno está, lá, há uma semana e parece que a gostar.

LIMPEZAS — Já terminaram nas casas, que ficaram mais airosas.

ANIMAIS — Morreu um vitelo preto, mas temos muitos vitelos. E, também, muitos porcos. Parece que vamos ter muita carne...!

CEBOLAS — Houve mais cebolas que noutros anos. Estamos muito contentes porque o ano de colheitas tem sido muito bom — graças a Deus.

«Melão» e «Anjinho»

MIRANDA DO CORVO

PRAIA — As férias, na praia, estão quase no fim. Só falta um turno e pronto. Os mais velhos da Casa só partem no último, devido aos trabalhos que realizam. Ao longo do tempo a malta diverte-se bastante e goza bem as férias; mas, infelizmente, há sempre alguns traquinas...!

BATATA — O batatal da terra dos grilos teve que ser apanhado à enxada devido à avaria na máquina d'arrancar batata. Deu bastante trabalho!

Foi bom porque há alguns anos que não a arrancávamos à enxada. O mais importante é que o dia correu bem e a colheita foi boa.

ANIMAIS — Com a ajuda dos rapazes as vacas lá se vão recuperando. Os nossos porquinhos da Índia deram à luz cerca de dez deles, graças a Deus correu tudo bem. Os rapazes da ceifa da rama da batata apanharam três coelhos que estão a fazer companhia aos porquinhos da Índia.

LAR DE COIMBRA — Um grupo de rapazes irá pintar a frontaria do Lar de Coimbra, se tudo correr bem receberão um prémio surpresa.

DESPORTO — Alguns rapazes do nosso Lar de Coimbra tiveram a oportunidade de estar presentes na formação do logotipo humano no estádio do Jamor. Foi um dia bastante importante para a malta da Casa e para a candidatura de Portugal para o Euro 2000. Dia bastante alegre em que estivemos cerca de 34 mil pessoas nesse convívio e espectáculo.

Domingos

TOJAL

BODAS DE PRATA — O nosso Padre Cristóvão já completou as bodas de prata sacerdotais. Foi no dia 13 que a nossa Casa se encheu de alegria e festa, onde estiveram presentes alguns amigos e familiares do Padre Cristóvão,



Debulha de feijão em Miranda do Corvo

Ao meio-dia celebrou-se a Eucaristia. Depois, foi servido um bom almoço. A meio da tarde os convidados seguiram para a nossa casa de férias em Sintra onde houve uma merenda que serviu também de jantar.

Foi um dia bem passado e que só se comemora uma vez na vida.

FÉRIAS — As deste ano estão quase terminadas, só falta regressar o último grupo. Foram dias que todos aproveitaram da melhor maneira possível. Mais férias?! Só para o ano.

CAMPO — Por enquanto as colheitas estão feitas: batata, tomate e feno. Agora, é só esperar pela fruta do Outono.

Arnaldo Santos

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

CONVÍVIO — Em 26 de Setembro estaremos, uma vez mais, na Senhora da Piedade de Tábuas, em Miranda do Corvo, para passarmos um dia de convívio e amizade.

Começaremos na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo onde nos juntaremos, e depois da Missa iremos para a Serra para que o almoço, que cada um levará, seja saboreado mesmo que o tempo esteja pouco convidativo pois estaremos a coberto, como de costume.

Aproveitamos para prestar uma pequena homenagem à senhora D. Maria do Rosário, pelos seus cinquenta anos ao serviço dos rapazes que por ali têm passado.

Se quiserem levar almoço para confeccionar, grelhados, por exemplo, já sabem que há lá onde o fazer e o espaço

presta-se para o efeito, não faltando a água para ajudar.

Será um dia para conversar e divertir, aproveitando o tempo com jogos e, talvez, um leilão, tal como no ano passado. Já agora se lá por casa houver algum «traste», mesmo pequeno, leva-o para leiloar.

Entretanto, será enviado o programa pelo correio, que dará conhecimento do horário e actividades.

Se em Junho não pudeste estar presente, tens agora oportunidade de responder ao nosso convite, pois que a amizade entre todos é o nosso maior objectivo.

Um abraço a todos e suas famílias.

Manuel dos Santos Machado

SETÚBAL

ANTIGOS GAIATOS — No primeiro domingo de Julho, como todos os anos, festejámos mais um dia dos antigos gaiatos. Estiveram cá muitos e trouxeram as suas famílias. De manhã, depois da Missa — que foi muito bonita — fizemos provas de atletismo, corridas de sacos e de natação. De tarde, houve um jogo de futebol. Nós é que ganhámos o jogo e a maior parte das corridas.

Gostámos de ter cá estes nossos irmãos mais velhos, de brincar com os filhos deles e também de saber que estavam todos a orientar bem as suas vidas.

PASSEIO DE BARCO — No princípio das férias de Verão a Inapa ofereceu-nos um lindo passeio de barco, o dia todo, de Setúbal ao Portinho da Arrábida.

Demos grandes mergulhos da prancha e nadámos até ao monte de areia e à Anicha.

Almoçámos, dentro do barco, umas belas sardinhas

assadas, salada, bifanas, etc., sumos e vinho (para os mais velhos que quisessem).

Depois fomos rio acima, perto de Tróia, e passámos à Caldeira.

Foi um dia muito bonito e divertido.

PRAIA — O primeiro grupo, que é o dos mais pequenos, já acabou o seu tempo de praia que foi todo o mês de Julho. Agora, são os mais velhos, no mês de Agosto, que vão gozar uns dias bem bons, a nadar até à Anicha, a tomar banhos de sol, a andar de barco (o nosso barco já está todo arranjadinho).

Quando chegamos da praia ainda jogamos à bola, voleibol, ou *snooker*, e damos grandes passeios a pé pela Arrábida; ou vamos até às grutas. A malta gosta de ir de férias para a nossa casa da praia.

José António Vinagre

Raízes

*Eu sou como os rios
Do meu País.
Partem por entre montes
Para longínquos horizontes
E jamais voltam.*

*Eu sou como as praias
Do meu País.
Desertas, intactas
E recolhidas
No Inverno!
Repletas, incendiadas...
E coloridas
No Verão!*

*Eu sou como os hábitos
Do meu País.
Viajar, amar
E lutar
Nas ruas, nos pátios
E nos jardins
Em cada terra
Para depois recordar
Com saudade
Até ao fim
Da vida!*

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

O «Ratinho»

Chamo-me Manuel André. Tenho quinze anos. Sou natural de Malanje — Angola, onde vivia no bairro do Retondo com os meus pais que muito se zangavam porque eu não gostava de estudar, ficava todo o tempo só na brincadeira! Mas, um dia, o meu sobrinho entendeu levar-me para a Casa do Gaiato de Malanje, onde agora estou muito contente porque já frequento a sexta classe. Sinto-me grato ao nosso Padre Telmo por me ter ajudado nesta mudança. Por cá, eu pratico mais futebol do que outra coisa qualquer.



Manuel André («Ratinho»)

MOÇAMBIQUE

Visitas

O recado veio pelo telefone. Fazer uma carta a marcar a data e a hora para visita da senhora Ministra da Acção Social. Como tenho muito medo de cartas, pois é raro ter oportunidade de fazê-las (há tantas pessoas amigas a lamentar-se desta falta), e uma carta cuidada, como era o caso, demoraria mais tempo, respondi que era melhor a senhora Ministra marcar o dia mais disponível. Seria necessário, porém, estar aqui às nove e meia da manhã para poder acompanhar o nosso trabalho. Não íamos recebê-la com festa porque não é nosso costume, mas tínhamos empenho que pudesse inteirar-se do mais possível. Também, que não trouxesse guardas e o menor grupo de acompanhantes. Sei porquê, mas nem sei como me atrevi a tanto.

No dia 30 de Junho, no meio da manhã, chegou ao nosso Centro de Apoio da Massaca. Acompanhou todas as actividades que ali desenvolvemos. Viu tudo. Visitou as microempresas, entrou na casa das velhinhas, e foi ver as casas melhoradas. Depois, subiu à

Aldeia, a horas de almoço que teve breve atraso. No fim, falou aos rapazes estimulando-os a aproveitar bem a oportunidade que a Casa do Gaiato lhes proporciona de se prepararem para a vida.

Só depois da refeição chegou a vez de visitar as instalações, seguindo para as oficinas e a exploração agrícola, onde temos projecto da FAO para o fomento da cultura da batata doce, orientado para a informação do valor nutritivo do tubérculo e a riqueza em vitamina A das folhas. Já cerca de cem mamãs da Massaca beneficiaram de jornadas de campo dirigidas por técnicos do Programa e pessoal da Saúde. Mas sobretudo de grande interesse para nós, que ficamos com a colheita e até iniciámos nova plantação.

Viu também o nosso campo de feijão que abrange quase trinta hectares, onde temos em experiência nove variedades, sendo três fornecidas pelo Instituto de Investigação Agrária. Viu o nosso ainda pequeno bananal e todas as outras culturas hortícolas, para se inteirar não só do esforço que fazemos para a nossa auto-

subsistência, como para repassar conhecimentos aos nossos trabalhadores e rapazes — o quanto podemos usufruir da terra se a tratamos bem.

Mas a minha intenção era que visse e ouvisse também. Naqueles dias tínhamos recebido géneros estragados do PMA para dar aos animais. E ouviu, com muita humildade, pedir-lhe que fosse a Ministra dos Pobres. A palavra ministro significa o que serve e tinha de exigir do seu Governo que os alimentos destinados aos desnutridos, importados pelo Programa Mundial de Alimentação, não apodreçam mais nos contentores à espera de desalfandegamento. Foram cinco toneladas que se estragaram, entre leite em pó, milho e feijão. Disse mesmo: — *A Senhora tem de bater o pé! É absurdo que o Governo peça ao Clube de Paris, em nome de um País pobre, apoios para o seu desenvolvimento e aquilo que é dado especialmente para os Pobres se estrague. Significa que só há um interesse meramente político pelo progresso económico de uns tantos e um abandono à morte lenta dos mais pobres.*

Foi contente de ver como são tratados estes filhos de Moçambique que, amanhã, serão uma força válida do seu Povo. Nem ficou zangada com o que ouviu, dizendo-nos que ia voltar, acompanhando o Ministro Português do Trabalho e Segurança Social que brevemente nos visitaria.

Padre José Maria

Lançamento da quarta edição do terceiro volume do livro «Pão dos Pobres»

NO princípio desta colecção — composta de quatro volumes — Pai Américo insere uma dedicatória «aos que trabalham e aos que sofrem»:

«*Afinal de contas, sem de tal me acordar, dei eu mesmo o nome ao livro na hora em que o anunciei — Pão dos Pobres. Assim me sugeriram, por carta e de viva voz, pessoas amigas da Obra: — Seja padrinho e pai. Será, por conseguinte, assim chamado o livro que vai correr mundo.*

«*Não há-de ser livro de lombada, formado na tua estante, com as folhas por abrir; não. Antes vai ser o teu livro de horas, púdo dos teus dedos como as contas de rezar. Pois como não, se ele trata da sorte de Irmãos?! Se picares as suas letras com um bico de alfinete, há-de ver que deitam sangue, tão vivos são os casos que elas narram. A hóstia branca, depois de consagrada, já não é pão de trigo; é o Corpo do Senhor. Todas as palavras do livro são consagradas ao Pobre. Parecem letras de Imprensa; são o corpo mai-la vida deles!*

«*Quantas vezes não faço eu esta nota de semana rentinho à cama onde sofrem. Por isso te feres nas letras e vens acusar a tua presença, no lugar onde eu estiver. Sim; há-de ser o teu livro de horas.*

«*Será dedicado ao Pobre; ao Pobre com letra maiúscula, sentido absoluto que abrange a legião dos Famintos e dos Escorraçados, por amor de quem tenho feito sangue nos pés e desejaria dar todo o das veias para melhor os servir e mais perfeitamente os amar. Chama-se Pão dos Pobres, o que vais saborear.*

«*Não tem prefácio. Eu podia ir ter com um senhor grande e falado, a pedir os dizeres do estilo; mas não. O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem.*

«*Não conto, tão pouco, oferecer nenhum a ninguém; com pão de Pobres não se pode fazer reclamações nem favores. E tu faz o mesmo com o livro que comprares. Pede a outros que comprem outros, mas não ofereças nem emprestes; é pão de Pobres.*

«*É absolutamente impossível que não desapareça num instante do mercado, para dar lugar a nova remessa, mercadoria de tão alto valor. A primeira edição será aperitivo, a segunda refeição. Refeição espiritual, que o verdadeiro Pobre é irmão de Jesus Cristo — Mihi fecisti — e o bem que se faz, é sacramento da Igreja.*

«*E terá uma qualidade grande, a única em nossos dias, o livro que vai sair: não fala da guerra!»*

P. Américo

Os Leitores já pedem encomendas! E os responsáveis da expedição tratam de despachá-las imediatamente. No entanto, Amigos há que exprimem, logo, o interesse pelo volume reeditado:

«*Acabei de receber O GAIATO que aprecio e leio, de seguida, ficando a saber que saiu mais uma edição do Pão dos Pobres — terceiro volume.*

«*Peço a remessa dum exemplar, que não tinha, por estar esgotado. Sei que a doutrina que encerra não tem preço; é o que posso enviar agora (...).*

«*Estimo muito os livros do Padre Américo. Para mim são obras de reflexão. Concordo plenamente consigo, na última frase do artigo que fala do lançamento desta quarta edição: 'O Pão dos Pobres é uma jóia de Pai Américo!'*

«*Bem hajam pela evangelização posta em prática! Fraternal saudações.*

Assinante 66349»

Júlio Mendes

Setúbal

Carta duma Leitora

TINHA acabado de resolver o problema da energia cortada, falta de comida, de entendimento e de paz num aglomerado de gente onde se incluíam seis crianças. Não quero chamar família a este conjunto de pessoas, embora partilhem do mesmo sangue e sejam progenitores, filhos e avós. Família é uma comunidade amorosa onde tudo é partilhado a começar pelo sacrifício dos pais.

Não cheguei a gastar cem contos. Abro o correio, ao chegar a Casa, e deparo com a seguinte carta:

«*3 de Julho 1999
Queridos Padres da Obra da Rua:
Tenho muito gosto de enviar mil contos, provenientes da herança que meu Pai me deixou.
Agradeço muito pela vossa Obra, que*

toca os mais frágeis dos Pobres. Leio regularmente O GAIATO que me ajuda a ter olhos que olham para fora e me permite ver a mão amorosa de Deus a tocar as situações mais desesperadas. Agradeço a Deus pelo dinheiro e pelos bens materiais, na medida em que são capazes de levar felicidade, dignidade e humanidade a tanta gente!...

*Bom trabalho! Um abraço amigo da...
P.S.: Utilizem o dinheiro no que for preciso, em Portugal ou em África!»*

Publico esta carta porque embora me fosse mandada, é dirigida a todos os Padres da Obra da Rua. Nela se vêem muitos dos nossos Leitores e Amigos a quem devemos o estar de pé. São eles, os que comungam deste carinho e desta visão dos bens materiais, «a mão amorosa de Deus» que se estende às nossas para podermos «tocar as situações mais desesperadas».

CALVÁRIO

Respeitar os simples

O Adalberto veio ter comigo, com ar de zangado e afirma peremptoriamente:

— *Então, não quer saber? O Zé anda a atearmar que a Terra gira e o Sol está lá em cima parado. Ele quer-me convencer. Eu bem vejo que o Sol nasce além, por detrás do Marão, e esconde-se para os lados do mar.*

— Olha lá: como é que o Sol volta a aparecer todos os dias?

— *Ora, passa por algum buraco debaixo da Terra. Ó Galileu, ainda falta convencer o Adalberto de que a Terra gira sobre si mesma.*

Este rapaz é, na verdade, muito limitado intelectualmente. Andou na escola. Sabe escrever e ler mas, pausadamente.

É, no entanto, muito capaz de trabalhos rotineiros. É ele quem rega os canteiros, alinda os jardins, ajuda no tratamento da vinha. De enxada na mão, sai-se bem naquilo que executa. Outros, da mesma idade, com capacidade intelectual superior, nem conhecem os segredos das coisas mais elementares da natureza e dos cuidados que ela reclama.

A tecnologia fria afasta o homem moderno dos elementos naturais. São frequentes as perguntas dos visitantes sobre aquilo que temos na quinta. Alguns rapazes espantam-se com as questões postas, às vezes ingénuas, mas prestam-se logo a esclarecer.

A natureza é mãe e muitos não a conhecem. Habitados ao pronto-a-comprar, tantos desconhecem como as coisas são depositas na terra e como crescem. É uma escola por fazer, mas que seria bom frequentar.

O contacto com a natureza aproxima o homem da sua verdade: ser criado, limitado mas destinado também ele a crescer e a dar frutos nos dias do seu viver.

Muitos riem-se da ignorância científica destes rapazes e eles respondem-lhes com um sorriso inocente perante o seu desconhecimento das coisas mais elementares do mundo vegetal.

Temos que nos respeitar uns aos outros, porque, às vezes, os mais simples são bem capazes de coisas bonitas e, até, de mais abertura aos outros. A natureza dá tudo ao homem e estes rapazes aprendem com ela a darem-se eles mesmos.

O Adalberto com a mesada que recebe para os extras de fim-de-semana acaba de comprar um rádio para o Nelito e pilhas para o dito do Emanuel. Ignora como o Sol volta a aparecer por detrás da serra mas sabe ser amigo dos colegas e fazê-los felizes com bagatelas. Não tem a ciência, mas possui a sabedoria, o gosto de ser útil aos demais.

A ciência coloca o homem num pedestal e, de lá, este não liga importância às coisas simples. Mas os simples, sem saírem do lugar rasteiro que a natureza lhes deu, são capazes de grandes e nobres atitudes.

Padre Baptista

Também eu dou graças a Deus pela manifestação sensível da «Sua Amorosa Mão, que tanto me confortou a alma».

Preciso de uma Mãe

PARA o Lar de Setúbal. Não uma empregada. Uma Mãe. Uma mulher livre de encargos familiares, que possa assumir trinta a quarenta rapazes com a ocupação maternal de todos. Uma empregada temos nós e, embora difícil, vai-se arrançando. Mas uma Mãe para os que a não têm e dela tanto necessitam, nesta fase da adolescência e da juventude. Uma Mãe que os acarinhe com um beijo quando eles saem ou regressam das aulas. Que vele pelo modo como se apresentam. Que seja o Anjo da Guarda do Lar do Gaiato.

«*Quem quer perder a vida?... — e ganhá-la — é o que em troca lhe podemos prometer na certeza de que ninguém lhe dará mais...*

Padre Acílio

CONSEGUI sentar-me para escrever. Mas não estou sossegado. É que, lá em baixo, alguém está à espera. São pessoas importantes. Fazem parte da nossa vida. São os Pobres.

Terminei, há pouco, a celebração da Eucaristia. Ontem, foi o Evangelho da multiplicação dos pães. Hoje, o mesmo. Que se passa? Duas vezes seguidas? Faço a leitura e medito.

Primeiro, a multidão de hoje, aqui, não é menor do que a daquele tempo. A fome não é menor do que a fome daquele tempo. Experimento a impotência sentida pelos discípulos do Mestre. Não posso, contudo, desistir.

Segundo, que fazer? Volto-me para o Mestre e oiço a voz d'Ele: «*Dai-lhes vós de comer...*» A ordem foi dada, outrora, e, hoje, tem o mesmo poder. Não tenho nem vejo outra saída a não ser «*os cinco pães e os dois peixes*». Isso é possível. É por aqui o caminho da tranquilidade e da paz de consciência. Dar o que posso, pouco ou muito. Neste dar está a vida. É extraordinário porque o resto é feito pelo Mestre. Este resto tem um sabor a tudo. Se as pessoas descobrissem que o segredo para a solução dos grandes problemas que afligem a Humanidade está no seu coração... Mas não! É a sabedoria dum coração de carne que faz falta. Esta sabedoria olha para o corpo e para a alma. Nasce da experiência própria e da dos outros. Nasce, sobretudo, do dom de Deus que é Amor.

Ando atrás do milho como do pão para a boca dos que estão à nossa espera. São «*os cinco pães e os dois peixes*». Logo que acabe de escrever estas notas que saem do meu coração, pegarei na carrinha para ir à busca de sabão e óleo alimentar, que o fim-de-semana está à porta. Tenho de saber onde é um pedacinho mais barato para trazer um pouco mais, com o mesmo dinheiro. As grandes aflições nascem da causa dos Outros. A nossa também

BENGUELA

Os Pobres fazem parte da nossa vida

é importante. Mas a vida do nosso povo é muito mais dura. É nossa obrigação aliviar a carga pesada da pobreza extrema e da miséria.

Ao partilhar convosco a nossa vida e a vida desta gente sei que posso ajudar-vos também. A carga da pobreza é muito pesada, é verdade. A da miséria é insuportável. Mas a carga do egoísmo é ainda mais desastrosa porque, no fundo, é a causadora das pobreza e das misérias. Ficaria prostrado, ao lado dos caídos, sem a vossa ajuda. Assim, caminhamos de mãos dadas às vossas mãos a segurar as mãos destes nossos irmãos.

Dívida para com Angola

Portugal tem uma dívida muito grande para com Angola. Tem, sim senhor. É uma dívida de ordem moral, sobretudo. E de ordem material também, quando em circunstâncias cruciais, como esta que nos é dado viver, o problema é de vida ou de morte. O convívio de muitos séculos gerou laços naturais e morais semelhantes aos laços familiares. Tudo isto faz com que, a meu ver, a presença mais natural, sem exclusão de outras presenças, junto deste povo, deva ser a presença de Portugal. Trata-se, agora, dum povo irmão que tem possibilidades, se quiser, de ajudar em sectores vitais, dum modo eficaz, a resolver alguns problemas. Não se trata de dar comprimidos, seja de aspirina ou semelhantes, para tirar dores, de momento, sem

curar minimamente qualquer mal. Isso pode e é feito por outras nações em quantidades mais substanciais. Sim, outras nações o fazem, sem que tenham aquela ligação de coração que deve existir entre Portugal e Angola.

Saúde, Educação e Assistência

Admiro a presença de médicos coreanos, egípcios e outros, nos hospitais centrais. Estranho, com muita dor, a ausência de qualquer médico português nos mesmos hospitais. Temos sido atendidos com amizade e interesse quando buscamos os seus serviços para os nossos rapazes. Mas é triste que, em sector tão vital para o povo, digo, para o povo anónimo, Portugal não esteja presente. Quem poderia ser melhor entendido por esta gente, quer pela língua quer pela maneira de estar, do que um médico português?

E que dizer do sector da educação? Onde estão os professores portugueses? Vejo outros, doutras nacionalidades. Em hora tão decisiva como é a hora da curva longa da mudança por que Angola está a passar, com o desaparecimento dos mais velhos e o surgir duma Angola jovem, se falta o elemento vital da ligação com Portugal que se faz no coração do povo, através das pessoas, sobretudo no ensino, na saúde e na assistência, como se pode falar, com verdade, da continuidade de Portugal no coração dos angolanos?

É certo que o capital, pelos bancos, empresas e outros meios, vai entrando. Que é que isso diz ao coração do povo anónimo, que é a maioria absoluta da nação angolana? Não têm dinheiro para pôr nos bancos. Não têm prédios para construir. Não precisam dos bancos portugueses porque os angolanos chegam. As empresas angolanas também bastam.

Como é que os políticos dizem que amam muito Angola, mas não promovem nem estimulam a vinda destes técnicos do povo? Onde estão as leis que enquadram de uma forma aliciante a aventura generosa e segura de gente de Portugal que venha misturar-se com a gente de Angola num dar as mãos com pureza de intenções?

Porque é que, há bastante tempo, duas professoras não puderam vir ajudar as crianças de Angola, por tempo determinado, sem qualquer encargo para o Estado português, a não ser a contagem do tempo, no seu currículo, enquanto estivessem a trabalhar em Angola? A resposta dada, na altura, foi que não havia lei que enquadrasse tal procedimento. O amor verdadeiro é estimulante. É deste amor verdadeiro que gostava de ouvir falar os políticos ilustres. É deste amor verdadeiro que Angola precisa sempre, mas, sobretudo, na hora aflitiva por que está a passar.

Obrigado. Era isto que eu queria ter dito.

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

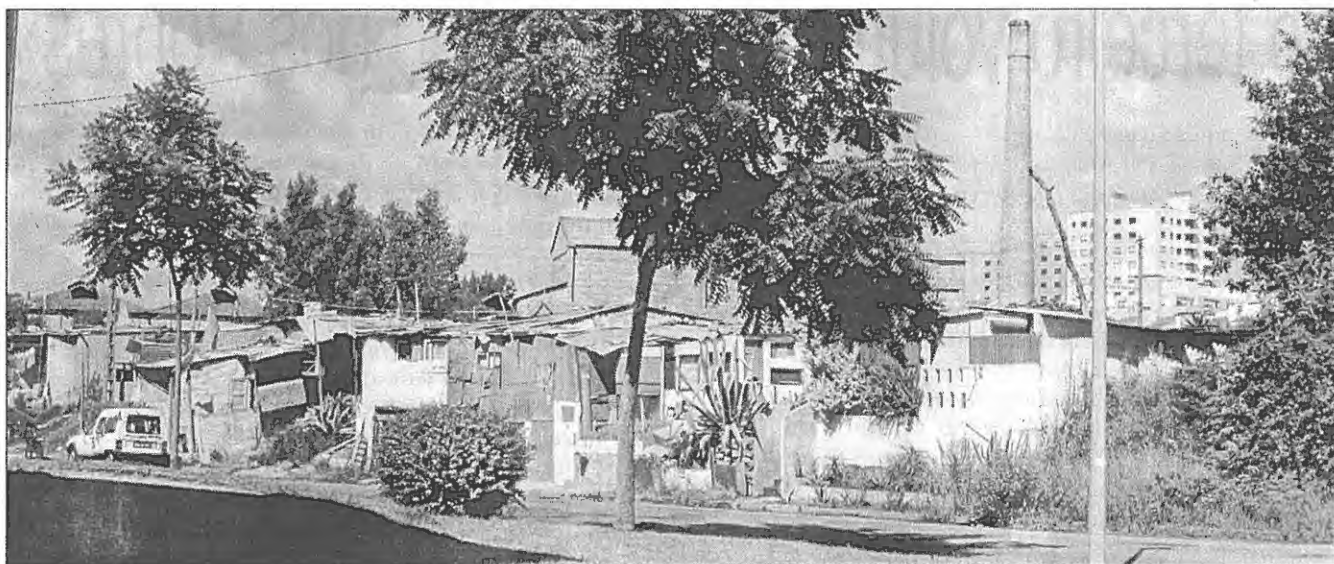
Continuação da página 1

Quando cada grupo chega, é ouvi-los contar as mil aventuras passadas: os jogos que se fizeram na praia onde foram os melhores (segundo dizem são sempre os melhores), são também os passeios por Sintra... Tudo vidas a despertar e adolescências a rebentar. Tenho a sorte de constantemente estar colocado em situações onde o milagre da vida se realiza. Pena tenho de não ter muito tempo para contemplar e dar graças.

Numa celebração em que falávamos do bem que eram as férias, houve um miúdo que se lembrou que havia crianças que não tinham férias na praia e houve também quem dissesse que nunca tinha visto o mar antes de vir para a Casa do Gaiato. O Fábio, o mais pequenino, actualmente, apenas com três anos, nos primeiros dias mostrou-se receoso do mar: — *Tenho medo!*, dizia. Agora já tem que ser bem vigiado porque nada lhe mete medo. É um prazer vê-lo correr em direcção às ondas.

Dois Seminaristas e uma Educadora de Infância estiveram alguns dias com os nossos rapazes. Foi muito bom para os dois lados. Os nossos rapazes aproveitam a oportunidade de conversar sobre coisas em que nunca tinham pensado e, os que foram, perceberam uma realidade diferente daquela que cortejam todos os dias. Pena tenho que outras raparigas e rapazes não apareçam mais. O enriquecimento é mútuo e a vida torna-se menos dura e mais enriquecida.

Padre Manuel Cristóvão



Num dos conjuntos de barracas, as famílias unem-se na miséria...

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Falta habitação para 15.000 famílias abarracadas na área metropolitana do Porto

A Imprensa deu o alerta. Estremecemos! Não contávamos com números tão avultados. Fomos a tarde inteira e atestámos a triste realidade. Percorremos autarquias e verificámos que as queixas dos habitantes das barracas e ilhas são cheias de razão. Ainda pouco se encontra feito.

Num dos conjuntos de barracas as famílias unem-se na miséria e lutam pelo cumprimento da promessa camarária de lhes conceder uma casa e protestam: — *Moramos, aqui, há meia vida, e os nossos filhos nasceram neste bairro. Estamos aqui esquecidos!*

A falta de dinheiro e de condições de habitação atiram muitos jovens, sobretudo as raparigas, para o «bairro de lata», sujeitando-se à vida de prostituição e da droga. Na escola acontece que os miúdos das barracas são apontados pelos outros e chegam a ser tratados como «barraqueiros».

Noutro bairro as famílias foram chamadas e prometeram-lhes habitação para o ano 2000. Mas, elas já não têm esperança e segredam: — *Esperamos aqui sentados para não cansar.*

Ainda noutro bairro os habitantes já estão convencidos de que têm de «*encher a barriga de casas abarracadas, de tijolo e*

de zinco, e em contentores». O dinheiro que ganham nos seus negócios mal chega para o comer e nunca daria para a renda de casa.

A meio da tarde demos muitas voltas à procura do conjunto de barracas de que tínhamos a fotografia. Depois de muito andar encontrámos um agente da Guarda, daquela zona, a quem perguntámos e ele, logo prontamente, nos apontou a rua e informou o local onde estavam. Ficam situadas numa das autarquias cuja vereadora das obras afirmava que, «*no seu concelho, já não havia nenhuma barracas*». Vamos nós fiar-nos...

Vimos imensas situações de miséria em vidas humanas. Ouvimos um mundo de queixas que nos pareceram muito justas. Os gritos de insatisfação escrevem-se a negro.

Chegámos à noite, e, tristemente, confirmámos a notícia que nos alertou. As nossas autarquias, especialmente as de zonas de muito trabalho, não podem sossegar enquanto os seus municípios não tiverem habitação humana; e muito menos tapar os olhos e os ouvidos com promessas e afirmações de que tudo está bem.

Padre Horácio

PENSAMENTO

O pequenino..., de costas viradas à tela, não mais olhou para a fita. Sentia-lhe as lágrimas quentes e assustadas, enquanto dizia baixinho: — *Eu tenho medo...!* (...) Esta criança fulmina a pena e declara excomungados todos quantos, no mundo, trabalham activamente para a guerra.

PAI AMÉRICO